

**ESPAÇO URBANO E VIOLÊNCIA NA  
NARRATIVA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA**

PEREIRA, Eder Rodrigues<sup>87</sup>

---

<sup>87</sup> Doutorando em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Atua como pesquisador colaborador na organização do Fundo Osman Lins do Instituto de Estudos Brasileiro (IEB-USP) e desenvolve projeto de pesquisa sobre o processo de criação do romance *Avalovara*

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é visualizar que o espaço representado na literatura brasileira contemporânea é predominantemente urbano. Assim, este estudo examina algumas das relações entre espaço e violência na narrativa brasileira contemporânea pelo fato de que nossa literatura acompanhou um processo migratório, assumindo, portanto, um espaço predominantemente urbano. Desse modo, através de um recorte de diversas narrativas e de uma análise emanentista, verificaremos que a literatura brasileira contemporânea manifesta uma posição cada vez mais cidadina, indicando que as relações entre experiência urbana e literatura, na modernidade, tornam-se mais radicais e contundentes.

**PALAVRAS - CHAVE:** Literatura contemporânea; Espaço urbano; Violência

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to visualize that the space represented in contemporary Brazilian literature is predominantly urban. Thus, this study examines some of the relationships between space and violence in contemporary Brazilian narrative by the fact that our literature has followed a migration process, assuming, therefore, a predominantly urban area. Thus, through amould several of narrative and analysis emanating, we find that the contemporary Brazilian literature demonstrate agrowing city, indicating that the relationship between urban experience and literature, in modernity, become more radical and forceful.

**KEYWORDS:** Contemporary literature; Urban space; Violence.

## 1INTRODUÇÃO

Entender, interpretar ou representara nossa realidade através de ensaios, literatura, cinema ou outra forma de comunicação é algo importante e com isso buscamos, em muitos casos, uma possível explicação para as coisas que nos cercam, pois esse desejo está intrinsecamente ligado à nossa necessidade de deprender determinados fatos e suas consequências. Poderíamos até dizer que nos dias atuais uma das questões centrais está em torno da análise desse mundo contemporâneo que se apresenta com uma visão globalizadora, mas assume uma postura totalmente massificante. Assim, para uma investigação ou reflexão desse contexto, a literatura entra como elemento diferencial na medida em que enxerga essa realidade ou a

relativiza, mostrando principalmente as mentiras e as falsas consciências difundidas por certas ideologias.

Ademais, Antonio Candido nos lembra que “a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo ou homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 1995, p. 242). No entanto, o que marca, de certo modo, a construção dessa fabulação na atualidade é um mundo literário cada vez mais urbano onde a cidade, signo confesso da modernidade, ganha cada vez mais destaque.

Isso se deve ao fato de que o nosso país passou por um período de urbanização num intervalo de tempo muito curto. Em 1960 tínhamos 45% dos brasileiros vivendo em cidades, porcentagem que chegou, no ano de 1970, a 56% e que, de acordo com o censo de 2000, é de 81%. Assim, parece que a nossa literatura acompanhou esse processo migratório, assumindo; portanto, um espaço predominantemente urbano. Desse modo, a literatura brasileira contemporânea manifesta uma posição cada vez mais citadina, indicando que as relações entre experiência urbana e literatura, na modernidade, tomam-se mais radicais e contundentes.

A cidade, então, de tema também passa a configurar um problema, porque estudá-la não é simplesmente fazer um levantamento de lugares, mas é antes “querer alertar sobre sua atual condição, para a qual não há mais uma doutrina coerente para garantir a vida da cidade” (GOMES, 1999, p. 20). Portanto, uma teoria ou visão totalizante dela seria impossível, pois a cada instante é ultrapassada pelo quantitativo. A cidade se mostra para seus habitantes, é o reflexo de nossas ações, um espetáculo da civilização em sua história e sua atualidade, “determina nosso cotidiano e dá forma aos nossos quadros de vida, é nosso presente turbulento e nossos velhos medos” (GOMES, 1999, p. 20). Por isso, esse espaço talvez seja uma porta de entrada para esse novo painel literário do final do século XX e início do XXI, principalmente, pelo fato desse lugar ser um ambiente privilegiado em que se verifica uma aglutinação de

diversidades e uma multiplicidade de contradições e desigualdades.

## 2 O ESPAÇO URBANO COMO PROBLEMA PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS

Analisar a narrativa brasileira contemporânea é ter consciência de que ela concentra-se em grande parte no espaço urbano, pois a cidade passa a ser uma questão fundamental para os nossos tempos e talvez por isso resulte a complexidade em lidar com a matéria, porque assim como numa cidade de hoje é difícil sistematizar linhas de orientação devido à sua diversidade, na prosa não há possibilidade de encontrar um fio condutor pela mesma razão, a não ser por algumas afinidades temáticas.

Desse modo, a narrativa contemporânea condiz, até certo ponto, com o discurso pós-moderno, uma vez que “privilegia a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras na redefinição do discurso cultural. A fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) ‘totalizantes’ são marcos do pensamento pós-moderno” (HARVEY, 2005, p. 19), algo visualizado em parte dessa produção literária.

Assim, através de carros, ruas, mercadorias, comércios, fábricas, linhas de montagem, faróis, avenidas, prédios e outros elementos, essa nova narrativa vai se configurando e nos dá um painel do fragmentário e do indeterminado da cidade que faz parte de nossa realidade e que, muitas vezes, compõem até mesmo cidades em nosso imaginário. Porém, essas imagens não são apenas explicações socioeconômicas do urbano e, segundo Lucrécia D’Alessio Ferrara, temos nelas as representações, a linguagem pela qual:

[...] não aprendemos, as explicações abstratas, mas aquelas constantes que atingem e modelam o nosso cotidiano. As imagens urbanas despertam a nossa percepção na medida

em que marcam o cenário cultural da nossa rotina e a identificam como urbana: o movimento, os adensamentos humanos, os transportes, o barulho, o tráfego, a verticalização, a vida fervilhante; uma atmosfera que assinala um modo de vida e certo tipo de relações sociais (FERRARA, 1999, p. 20).

No entanto, não basta à imagem relacionada ao urbano para afirmar que esta narrativa contemporânea privilegia a cidade, pois em outros momentos ela também aparece como elemento destacado. Baudelaire, por exemplo,

[...] publica *As Flores do Mal* em 1857 e cria uma personagem poética: a cidade, que é tema de bom número de poemas. Porém, não a cidade, mas uma cidade concretizada na sua alegoria: a multidão como imagem flutuante, instável e fugaz, através da qual o poeta via Paris e se transformaria num dos mais renomados fisionomistas da imagem urbana (FERRARA, 1999, p. 203).

Lima Barreto também a presentifica em sua prosa ao retratar as transformações do Rio de Janeiro no início do século XX, e Mário de Andrade, com *Paulicéia desvairada* (1922), mostra que “o desvairismo ou *Paulicéia desvairada* pretendem, como mensagem de tintas dadaístas, revelar uma nova dimensão da cidade, a de um mundo moderno lúdico, sem deixar, entretanto, de ser caótico (LOPEZ, 1996, p. 20).

Contudo, o que diferencia a literatura desses escritores em relação aos contemporâneos é a representação feita da cidade, ou seja, de certo modo a literatura brasileira contemporânea, ao retratar esse espaço, tanto a cidade oficial como a não oficial, mostra o fracasso de um projeto de urbanização, um conceito de progresso limitado que se presentificou de forma aparente. Eisso abre uma entrada para se pensar a própria classificação, pois colocar boa parte da produção contemporânea sob o rótulo de narrativa urbana é não questionar as problemáticas que ela busca formaliza.

Dessa maneira, ao analisarmos a literatura contemporâ-

nea, temos que deixar claro que o espaço não é urbano simplesmente por fazer referências a imagens do universo citadino ou por ter uma rotulação mercadológica, como geralmente ocorre, mas porque “essa cidade da multidão, que tem a rua como traço forte de sua cultura, passa a ser não só cenário, mas a grande personagem de muitas narrativas, ou a presença encorpada em muitos poemas” (GOMES, 1999, p. 22). Daí, então, a necessidade de observar como esse elemento - “espaço urbano” - reflete esse fracasso do projeto de urbanização cujo resultado é a degradação urbana, reforçando a ideia de que “para os estudos de literatura a cidade de tema também passa a configurar um problema” (GOMES, 1999, p. 23).

Pensando um pouco nessa situação, David Harvey diz que, ao trabalhar com a questão da arquitetura e projeto urbano na cidade, precisamos observar as diferenças entre o projeto de urbanização empregado pelos modernistas e fazer uma oposição à concepção pós-modernista, uma vez que para aqueles “o planejamento e o desenvolvimento devem concentra-se em planos urbanos de larga escala, de alcance metropolitano, tecnologicamente racionais e eficientes, sustentados por uma arquitetura absolutamente despojada” (HARVEY, 2005, p. 69). Em contra partida, “verifica-se, sobretudo, que os pós-modernistas se afastam de modo radical das concepções modernistas sobre como considerar o espaço” (HARVEY, 2005, p. 69).

Desse modo, para os modernistas, o espaço é algo a ser moldado para propósitos sociais e, portanto, sempre atrelado à construção de um projeto social; já os pós-modernistas o observa como algo autônomo a ser moldado de acordo com os objetivos e princípios estéticos que não tem necessariamente nenhuma relação com algum objetivo social abrangente. Assim, a questão que nos incomoda agora é se esses conceitos podem ser aplicados à nossa realidade, uma vez que, ao tratar do assunto, Harvey leva em consideração cidades que passaram, até certo ponto, por um projeto de urbanização tanto modernista quanto pós-modernista.

No Brasil, por exemplo, Ermínia Maricato, em *As idéias*

*fora do lugar e o lugar fora da idéias – Planejamento urbano no Brasil*, nos apresenta que “o urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulamentação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas com uma ordem que diz respeito a uma parte da cidade, apenas” (MARICATO, 2000, p. 122). Com isso, ao pensar essa cidade na literatura brasileira contemporânea até que ponto não é preciso também pensar o espaço ou os espaços que ela representa? Isso porque,

[...] após um século e meio de vida, a matriz de planejamento urbano modernista (e mais tarde funcionalista), que orientou o crescimento das cidades dos países centrais do mundo capitalista, passou a ser desmontada pelas propostas neoliberais que acompanham a reestruturação produtiva no final do século XX. Em se tratando de países da semiperiferia, como é o caso do Brasil e de outros países da América Latina, esse modelo, definidor de padrões holísticos de uso e ocupação do solo, apoiado na centralização e na racionalidade do aparelho de Estado, foi aplicado a apenas uma parte das nossas grandes cidades: na cidade chamada cidade formal ou legal. A importação dos padrões do chamado “primeiro mundo”, aplicados a uma parte da cidade (ou da sociedade) contribuiu para que a cidade brasileira fosse marcada pela modernização incompleta ou excludente (MARICATO, 2000, p. 123).

Portanto, ao observar tal quadro literário, não nos deve faltar essa reflexão feita por Maricato e ainda devemos levar em consideração que esse fenômeno está também ligado à transformação da cidade em megacidade. A cultura urbana coexiste com múltiplas culturas urbanas, daí então a tese de que, para se entender, até certo ponto, o que é a narrativa brasileira contemporânea, necessariamente precisamos pensar a cidade em sua incompletude, multiplicidade, diversidade e fracasso como projeto, pois isso aparece nessa produção. Temos então de indagar, tanto quanto possível, as suas representações, pois ler essa literatura é ler textos que leem a cidade.

## 3 A CIDADE E AS CIDADES: ESPAÇO URBANO E VIOLÊNCIA

A literatura contemporânea, muitas vezes, é classificada pelo aspecto fragmentário das obras, a mistura de gêneros, a diversidade formal e outros elementos que não trariam uma definição precisa para defini-la. Na poesia e na prosa, a multiplicidade de características vem para configurar novos rumos na produção artística, que parece, às vezes, incapaz de comunicar o que hoje está acontecendo. Como exemplo dessa diversidade, Antonio Candido, em seu ensaio *A nova narrativa*, verifica na prosa a impossibilidade de sistematização devido à “verdadeira legitimação da pluralidade”, e seria isso talvez uma necessidade de encontrar-se dentro do que foi legado pelos modernistas ou até mesmo a atuação dos princípios básicos vistos por Mário de Andrade (ANDRADE, 1974, p. 242).

Contudo, é nessa “legitimação da pluralidade” que se verificam não apenas no aspecto formal, mas também no conteúdo, as diversas representações da cidade e da violência, porque na literatura das décadas de 60 e 70 temos um desenho de uma nova realidade urbana. A cidade assumindo um espaço simbólico, social, cultural ou documental e, sobretudo, procurando superar as limitações de um realismo. Daí resulta que a cidade não é um universo regido pela justiça e pela racionalidade, mas uma realidade dividida, na qual a cisão que antes se registrava entre “campo” e “cidade” passa a girar em torno da ideia de “cidade marginal” e “cidade oficial” (SCHOLLHAMMER, 2000, p. 242).

Isso pode ser visualizado em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, onde a divisão do Rio de Janeiro é evidente, pois a cidade oficial aparece como consumidora de drogas e a favela (cidade marginal) como fornecedora. Porém, são duas cidades dentro de uma e essa relação, além de ser um elemento de segregação urbana, visualiza duas realidades que, de certa forma, fingem se ignorar.

Para Kall Erik Schollhammer, a cidade, ao ser analisada como expressão material da dessimbolização da violência

fundadora por parte da cultura contemporânea, produz, simultaneamente, uma violência anárquica e horizontal gradativamente contagiosa. Se, por um lado, os autores formam a cidade como um sistema de códigos que reproduz a ordem de uma sociedade que pretende fundar-se na racionalidade, por outro lado, percebem que aqui se vive no extremo. Situação em que a cultura enquanto urbanidade é colocada “contra a parede” pela necessidade que o homem tem de ritualizar com os seus limites.

Desse modo, a literatura que comunica ou tenta comunicar essa violência tende a modificá-la e essa reelaboração age no sentido de ressimbolização do conteúdo excluído, pois tentar comunicar a violência e superar o silêncio é uma maneira de comunicar a violência e não de divulgá-la. Portanto,

[...] a cidade oferece um cenário privilegiado para a procura literária de uma nova expressividade. A experiência urbana se dá simultaneamente como inscrita pela lógica estrutural da cidade como fator de controle dos conflitos sociais e como expressão visível deste caos que brota e se prolifera à margem da ordem. Este confronto se articula no nível da subjetividade do cidadão, onde se percebem os limites da liberdade de ação que o indivíduo experimenta diante da complexa realidade urbana. Mas também é na relação entre sujeito, como corpo sensível, e a cidade, como realidade estética, que um confronto e uma simbiose novos se concretizam. Na experiência crua e frequentemente, penosa do urbano o autor contemporâneo percebe uma redenção possível da cidade enquanto realidade humana (SCHOLLHAMMER, 2000, p. 251-252).

Com isso, ao buscar o espaço urbano delineado pela narrativa contemporânea, nos encontramos “com o lugar da cidade em nossas vidas e com o não-lugar de muitas vidas em nossas cidades” (DALCASTAGNÈ, 2003, p. 25), além de perceber que ela não se apresenta por inteiro, tem intervalos e lacunas que o leitor completa com sua experiência. A cidade que aparece nessas narrativas é fragmentada e só pode se erguer

enquanto cidade durante o processo de leitura, por isso a impossibilidade de um mapeamento sistemático do espaço urbano no texto literário. A cidade passa a ser várias cidades ou várias cidades se aglutinam na cidade. No entanto, essa narrativa mesmo com formas variadas de composição, não se mostra como uma tentativa de experimentação, e sim como uma compreensão da variedade de vozes que se espalham por esses espaços.

#### 4 A CIDADE DE SÃO PAULO: LUIZ RUFFATO, FÉRREZ, MARÇAL AQUINO, FERNANDO BONASSI E BRUNO ZENI

São Paulo é um grande centro urbano e, mesmo sendo a cidade mais rica da América do Sul, enfrenta vários problemas como toda grande metrópole: excesso de automóveis que circulam em suas avenidas, poluição, criminalidade e a diferença social associada à má distribuição de renda gera dificuldades como fome, desemprego e aumento da violência.

A cidade ainda apresenta fortes contradições socioeconômicas, típicas do país, sendo possível constatar a presença de edifícios luxuosos ao lado de favelas, e, devido à sua extensa área urbana, apresenta um caráter bastante heterogêneo que varia de regiões altamente adensadas e verticais a bairros residenciais horizontais e de baixíssima densidade. Desse modo, a literatura brasileira contemporânea que busca representá-la dificilmente conseguirá fazer um apanhado de toda a sua complexidade e diversidade; no entanto, o que surgiu a partir dos anos 90 já tem apresentado um bom painel desse espaço e, como exemplo, podemos citar o romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato.

O livro tem um conjunto de 69 textos, e todas as histórias se passam no mesmo dia e “centra-se na cidade de São Paulo, sobretudo, sem deixar de contemplar seus arredores e a mobilidade que faz desembocar nela um fluxo de imigrantes, por rodovia e pau-de-arara, e que faz desembarcar dela, por avião, rumo a Nova York, desesperançados fugitivos.” (HOSSNE,

2001, p. 135). Com isso, há nele um procedimento em que os textos aparentemente autônomos apresentam várias vozes que estão nessa cidade e indicam, no conjunto, o fracasso da cidade.

Encontramos os seus restos e dezenas de personagens convivendo num painel urbano fragmentado e cheio de ruídos, e a violência também presente nas narrativas monta um painel de diferentes mundos que se cruzam. Há no romance de Ruffato uma São Paulo que constitui uma cidade em camadas, uma cidade que se torna personagem e fornece as marcas da degradação urbana e do fracasso do processo de modernização<sup>88</sup>.

Outros exemplos podem ser observados em Férrez, autor de *Capão Pecado: Manual prático do ódio*, cuja prosa composta por doses igualmente de revolta, perplexidade e esperança reivindica uma voz própria além de dignidade para os moradores da periferia. Morador de Capão Redondo, bairro da zona sul de São Paulo, Férrez narra os contrastes urbanos e a exclusão social.

Em Marçal Aquino, “a linguagem não isola o seu mundo – antes, aproxima-o do leitor, numa sedução que vai do vocabulário comum à construção de imagens já estratificadas previamente na nossa cabeça” (TEZZA, 2002, p. 33). E, com os seus matadores profissionais, traficantes, espancadores de aluguel, as chacinhas em botecos da periferia e prostitutas em obras como *Miss Danúbio*, *O Invasor* e *Cabeça a Prêmio*, ele é considerado, por muitos, como herdeiro da prosa urbana de Rubem Fonseca e João Antônio.

Outro escritor importante nesse quadro é Fernando Bonassi, que, segundo Manuel da Costa Pinto, em meados dos anos 90, “publicou um romance que deflagraria um processo de renovação da prosa urbana: *Subúrbio*, livro cujo realismo brutal trouxe novamente para o centro da cena literária as personagens dos arrabaldes das cidades brasileiras” (PINTO, 2004,

<sup>88</sup>Para uma compreensão mais aprofundada do livro, recomendo a leitura de *Uma cidade em camadas – ensaios sobre o romance Eles eram muitos cavalos de Luiz Ruffato*, obra organizada por Marguerite Itamar Harrison, Editora Horizonte, Vinhedo, 2007.

p. 138). Assim, Bonassi, que também é conectado ao universo de autores como João Antônio e Rubem Fonseca, com uma prosa fragmentária, representa em sua obra várias formas de violência.

No seu livro *100 histórias colhidas na ruaas* micronarrativas apresentam uma São Paulo que não pode ser apreendida, como já dissemos, em sua totalidade. Bonassi “reproduz a fala dos excluídos, o que inclui desde o modo bestializante com que os amantes se referem ao corpo até a gíria de “meganhas” e traficantes ou salmodia de pastores evangélicos. Mas em nenhum momento ele cai na presunção de mimetizá-los de modo neutro” (PINTO, 2004, p. 139). O livro conta com cem pequenos quadros que se constroem diante do leitor como fragmentos ou estilhaços de uma realidade tão brutal que talvez não tenha outra forma de representá-la que não seja essa. Como exemplo, a *História 2* mostra o narrador com um ponto de vista que indica, aparentemente, distanciamento e conformidade, pois se depara com essa situação todos os dias ao voltar do trabalho e nada faz para mudá-la.

REBOLA COMO UMA verdadeira puta. Nem mais nem menos: a sabedoria de cintura da verdadeira puta. Os olhinhos apertados, sempre de esguelha; o sorriso também torcido, pro lado oposto. Aborda os motoristas espremendo no vidro dos carros os botões dos seus peitinhos. Olho. Todos os dias, voltando da TV. Tem nove anos. Não mais. Uma verdadeira puta à nossa disposição (BONASSI, 1996, p. 11).

Levanta-se então o seguinte: será que algo realmente pode ser feito? Será que a mudança pode partir de um único ser? A cena ocorre em muitas cidades do país, a menina se oferece aos motoristas como se fosse uma mercadoria à disposição; sua idade revela a questão da prostituição infantil. Com isso, vários fatores socioeconômicos são levantados e o recorte brutal dessa imagem já nos apresenta a fragmentação não só da cidade de São Paulo como de toda sociedade. Assim, violência, congestionamento, poluição, assaltos, criminalidade e ou-

tras condições da cidade são apresentadas nas micronarrativas em vozes múltiplas, como na *História 11*

NA HORA DO CONGESTIONAMENTO. Todo dia sem que a polícia faça nada. Mal pode acreditar como eles suportam a poluição. Escondem-se entre as colunas do túnel. Ficam esperando a distração dos motoristas, camuflados de fuligem e monóxido. Diz que sabe: que eles preferem os que ficam com os vidros abertos, aqueles (aponta um) “falando sozinhos, pensando, cantando músicas do rádio”. Aproximam-se, encostam a arma e disparam contra a cabeça. “Uma verdadeira execução.” É o que eles fazem. O roubo acontece em seguida. “Às vezes nem isso.” Olha os gigantescos exaustores pendurados no teto oval. “Onde é que vamos parar?” Não espera que eu responda. Fala: “Tem também os que fazem isso mas não chegam a disparar, só pegam alguma coisa” (BONASSI, 1996, p. 29).

Já no livro *O fluxo silencioso das máquinas – pequenas iluminações asfálticas*, de Bruno Zeni, a cidade se mistura com um tom lírico e numa espécie de diário os textos breves também compõem uma São Paulo sobreposta sob várias outras, isto é, as imagens passam de uma página a outra, e, com isso, o espaço urbano vai se desenhando. A impressão que temos é a de que estamos em movimento, como em um metrô ou automóvel, e aí, através desse deslocamento pela cidade, notamos a variação de foco narrativo. São Paulo é apresentada como fragmento, como algo imenso, mas que tende ao imóvel, mesmo com barulhos, movimentos e respiração:

Falta ar. Aqui tudo é grande, mas é difícil se mexer.  
 Mal se vê o horizonte. Tem que saber se posicionar.  
 Há horas em que ele é vermelho, o horizonte poluído.  
 Horizonte puido, se você quiser.  
 Vez ou outra lhe pegam desavisado e um dito reverbera  
 – .....  
 Mas no mais das vezes é sempre um fluxo de silêncio.  
 Uma estranha sensação de estar por demais no ventre  
 da máquina. O fluxo silencioso das máquinas: zunindo,

guinchando, fazendo falar a resistência do ar. A cidade forrada de carros. Os carros também vermelhos no fim do dia, acendendo e apagando suas luzes de freio. Parados, eles ofegam. Inspirando e expirando, só eles, só eles respiram (ZENI, 2002 p. 9).

Desse modo, visualiza-se nesses escritores um conjunto de fragmentos ou visões da cidade que mostra a degradação urbana, a violência, a lógica da exclusão e a desestabilização dos valores, ou seja, inúmeras variações sobre a cidade que resulta de sua própria condição. Por isso, cada autor encerra um mundo de acordo com sua visão; no entanto, se essa cidade tem como característica o fato de não se mostrar por completo devido à multiplicidade e diversidade, abre-se a perspectiva para se estudar como as nossas narrativas da atualidade formalizam tudo isso.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse recorte, verifica-se que as narrativas brasileiras contemporâneas são respostas textuais à problemática urbana, e, com isso, os textos, que aparentemente se mostram como retalhos de uma realidade, presentificam a crise da cidade e a cidade em crise. Diversidade, multiplicidade, fragmentação, degradação e outros termos servem como elementos iniciais para se discutir essa cidade representada nessa literatura que continua e continuará sendo uma paisagem inevitável em nossas vidas. Além do mais, “os discursos contemporâneos cenarizam e grafam a cidade, com sua polifonia, sua mistura de estilos, sua multiplicidade de signos, na busca de decifrar o urbano que se situa no limite extremo e poroso entre realidade e ficção” (GOMES, 1999, p. 29).

No entanto, não devemos esquecer que os estilhaços que aparecem nessas narrativas somos nós que os fazemos existir; não queremos enxergar a cidade e a violência, fechamos os olhos para algo que uma parte da literatura brasileira contem-

porânea procura ver, oferecendo, assim, leituras múltiplas e diversificadas do espaço urbano e da violência.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, M. O movimento modernista. In: ANDRADE, Mário. *Aspectos da literatura brasileira* 5. ed. São Paulo: Martins, 1974.
- BONASSI, F. *100 histórias colhidas na rua*. São Paulo: Scritta, 1996.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: Candido, Antonio. *Vários escritos* 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- \_\_\_\_\_. A nova narrativa. In: Candido, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios* 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- DALCASTAGNÊ, R. *Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea*. Disponível em: <[www.revistaipotesi.ufjf.br](http://www.revistaipotesi.ufjf.br)>. Acesso em: 01abr. 2011
- FERRARA, L. D'A. As máscaras da cidade. In: Ferrara, L. D'A. *Olhar Periférico*. São Paulo: Edusp, 1999.
- GOMES, R. C. *A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema*. Disponível em: <[www.revistaipotesi.ufjf.br](http://www.revistaipotesi.ufjf.br)>. Acesso em: 01abr. 2011
- HOSSNE, A. S Império da urbe, derrocada da polis. *Rodapé: Crítica de literatura brasileira contemporânea*, São Paulo: Nankin Editorial, 2001
- MARICATO, E. As idéias fora do lugar e o lugar fora das idéias: Planejamento urbano no Brasil. In: ARANTES, O.; VAINER, O. A.; MARICATO, E. (Orgs.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos* 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PINTO, M. C. *Literatura Brasileira Hoje*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- RUFATTO, L. *Eles eram muitos cavalos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001
- SCHOLLHAMMER, K. E. Os cenários urbanos da violência na literatura brasileira. In: *Linguagens da Violência*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.
- TEZZA, C. Zona franca. *Revista Cult*, n. 55, São Paulo, Lemos Editorial, 2002.
- ZENI, B. *O fluxo silencioso das máquinas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.